

## A MEMÓRIA CARNAVALIZADA DE LULA NA CHARGE JORNALÍSTICA

Adriano Charles Cruz<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo, pretendemos analisar as representações de Lula nas charges jornalísticas. Defendemos que o nosso objeto se caracteriza por ser um amálgama de discursos filiados a uma rede intertextual complexa. Dessa forma, a charge jornalística está imbricada com outros dizeres, os quais se constituíram ao longo da história. A partir de uma perspectiva discursiva, objetivamos entender as construções carnavalizadas do sujeito-Lula e as filiações ideológicas que possibilitaram a emergência desses enunciados em três jornais nordestinos. A memória histórica de Lula e a discursiva das charges dialogam com os acontecimentos sócio-históricos e possibilitam a formulação de textos heterogêneos que apontam as circulações ideológicas presentes à época.

### Palavra-chave

Charge, Imagens de Lula, Memória.

### Abstract

In this article, we analyse the representations of President Lula in newspapers cartoons. We argue that our object is characterized by a junction of discourses affiliated with a complex intertextual network. Thus, the newspapers cartoons are linked to other sayings, which were formed throughout history. From a discursive perspective, we want to understand the carnivalized constructions of Lula and the ideological affiliations that allowed the publication of this contents in three newspapers from northeastern Brazil. The historical memory of Lula and the discursive memory of the cartoons dialogue with the socio-historical events and make possible the criation of heterogeneous texts that show the ideological content previously existing

### Keywords

Newspaper cartoons, Lula images, memory.

## Considerações iniciais

“Un palimpseste est un parchemin dont on a gratté la première inscription pour en tracer une autre, qui ne la cache pas tout à fait, en sorte qu'on peut y lire, par transparence, l'ancien sous le nouveau”.

Gerard Genette

Os antigos reaproveitavam os papiros utilizados para escrever outros textos, após a raspagem da pele utilizada. Em alguns casos, a escrita posterior pretendia corrigir alguns equívocos ou acrescentar detalhes. Na Idade Média, segundo Ruiz García (1988), chegava-se a utilizar um processo de lavagem do pergaminho, envolvendo leite, esponja, farinha ou cal e pedra pomes. Apesar de todo esforço de apagar o passado, as marcas da escritura ficavam presentes na tessitura da pele e outros textos escritos alhures se mesclavam com novos dizeres. Por outro lado, com a valorização dos antigos no Renascimento, evidenciaram-se esforços para emergir no palimpsesto a escrita apagada (*scriptio inferior*).

Genette (2006) recuperou essa historicidade para dar conta das relações transtextuais na literatura: imitação, alusão, comentários, inclusão de citações são algumas das marcas da presença da alteridade na escrita literária. Dessa forma, a escritura sempre seria um exercício relacional, no qual uma obra deriva de outra anterior. “*On entreprend ici d'explorer ce territoire. Un texte peut toujours en lire un autre, et ainsi de suite jusqu'à la fin des textes. Celui-ci n'échappe pas à la règle : il l'expose et s'y expose. Lira bien qui lira le dernier*”<sup>2</sup>. (GENETTE, 1982, contracapa).

Assumimos a heterogeneidade discursiva e trazemos, nessa costura, os fios teóricos de Foucault, Genette, Orlandi e tantos outros – lembrados ou esquecidos – nos quais nos amparamos para construir nosso “gesto de interpretação” (ORLANDI, 1998).

Este ensaio<sup>3</sup> é o resultado parcial do projeto de pesquisa “Cartografia do discurso chargístico-econômico: análise das charges dos jornais Diário de Natal, O Norte e *Diário de Pernambuco* no primeiro governo Lula” em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Interessa-nos, nestas páginas, analisar a representação de Lula em charges dos *Diários & Associados* do ano de 2004, no Nordeste brasileiro<sup>4</sup>.

Apesar dessa aparente ordenação metodológica, os enunciados chargísticos analisados se apoiam em um jogo de continuidade e dispersão: os elementos ora se repetem, ora se distanciam no espaço discursivo dos jornais.

Ao identificar no enunciado<sup>5</sup> uma dupla articulação entre singularidade e repetição, Foucault (2004, p. 32) o concebe como um gesto que se “liga a uma memória, tem uma materialidade: sendo único, também, está aberto à repetição e à transformação”. Por conseguinte, os enunciados são vistos como um “sistema de dispersão.”.

Essas observações são importantes, porque delas derivam a possibilidade das fissuras e irrupções históricas, bem como o entendimento das relações entre campos discursivos diferentes. O discurso das charges é construído dentro do jornalismo, com todas as suas especificidades, mas, ao mesmo tempo, atravessado por outros campos como o jurídico, o religioso ou o pedagógico, evidenciando, dessa forma, a sua tessitura palimpsesta.

O conceito de memória é trabalhado na perspectiva teórica de Halbwachs (2004), na qual a reconstrução de um fato é realizada a partir de dados comuns, partilhados por um determinado agrupamento social<sup>6</sup>. Através da memória, o passado vem à tona, “misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência”. Nesse quadro, a memória coletiva interliga as diversas memórias dos indivíduos, a partir dos lugares sociais que ocupam. Como afirmamos em outro momento (CRUZ & FONSECA, 2009), entender a memória nessa perspectiva revela o papel das práticas sociais e discursivas às quais os sujeitos estão ligados.

### **A (des) construção de Lula nas charges**

Conforme a mídia tem apontado, reiteradas vezes, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva é considerado um dos mais populares e aceitos da história brasileira<sup>7</sup>. Há pouco tempo, o lançamento de sua biografia no cinema causou polêmica entre seus adversários e partidários. Não foram poucos os que criticaram o filme “Lula, O Filho do Brasil”, de Fábio Barreto, classificando-o como uma “hagiografia<sup>8</sup>” lulista.

O fato é que esses discursos são retomados, por vias da memória, em imagens que pululam os meios de comunicação, sobretudo, a Internet e ajudam a construir ou desconstruir essa visão do presidente.



Essa personagem segura com uma das mãos uma placa, em que se lê: “Queremos o máximo do mínimo”. Ele parece proferir xingamentos indecifráveis, substituídos por símbolos gráficos (caveira, fumaças e bomba). Por outro lado, a imagem maior de Lula, que ocupa quase a totalidade do quadro, apresenta uma expressão assustada, percebida pela abertura dos olhos, além disso, a sua barba e os seus cabelos são brancos, o que indica ser ele mais velho que o outro. Dessa forma, como em um jogo de espelhos, o chargista aponta as transformações históricas do presidente, colocando em xeque, por meio da metáfora visual, duas posições discursivas antagônicas.



Fonte: Diário de Natal, 2004

No segundo enunciado, Lula encontra-se diante de um médico, queixando-se de uma falta de memória: “eu não consigo lembrar das promessas de campanha, doutor...”. Com feições tranqüilas, o segundo personagem responde: “é o espetáculo do esquecimento”.

Entre o dito e o silenciado na charge, tem-se a construção histórico-discursiva de um presidente que rejeita o passado vivido, sintoma de uma doença detectada facilmente pelo médico. A frase do médico parodia, por fios interdiscursivos, o período histórico conhecido como milagre econômico, onde o “espetáculo do crescimento” deu-se em bases pouco sólidas e resultou em fracasso para a economia brasileira.



Fonte: O Norte, 2004

Em outro momento, tem-se a imagem de um operário com uma expressão facial de aflição, diante de uma placa contendo o texto: “não há vagas (vá se queixar com o Lula!)”. Há uma nítida subversão irônica no quadro de avisos, no qual, por vias metafóricas, podemos ler: “operário não reclame do empregador, mas do presidente do país, responsável pela crise do desemprego”. Ao utilizar esse recurso irônico, o sujeito-chargista mobiliza a discussão do desemprego do micro até a reflexão da conjuntura histórico-social do país.

A materialidade imagética direciona o olhar ao enunciado “NÃO HÁ VAGAS”, o qual ocupa posição de destaque no quadro, além do estilo e do tamanho da fonte empregados. Esse enunciado é recorrente nas empresas e instituições como forma de se antecipar ao sujeito que deseja emprego. Serve como uma barreira que divide os empregadores dos desempregados. Dessa forma, socialmente, esse quadro tem a função de evitar incômodos e manter a exclusão dos sujeitos desempregados. Como expressão de uma violência simbólica, os sujeitos são marcados pela impossibilidade de entrar no pretendido espaço físico do emprego. Até na expressão literária,<sup>10</sup> o enunciado adquire conotações negativas, como na escrita poética de Gullar (2001)<sup>11</sup>.

O que se configura como recurso irônico é o duplo processo de antecipação, dentro do tradicional letreiro, encontra-se, entre parêntesis, o enunciado 2: “vá se queixar com o Lula!”. Se recorrermos à teoria das formações imaginárias pecheuxtiana, a qual advoga que todo processo discursivo implica na existência de relações de força imaginárias – representações subjetivas das designações das posições dos sujeito –, perceberemos que o sujeito-chargista



posiciona-se discursivamente<sup>12</sup>, por meio da ironia, marcando sua presença no texto em tela. Dessa forma, se o sujeito desempregado, nas situações concretas, ao ler uma sequência discursiva semelhante a número 1, construiu uma imagem negativa do empregador (“não há vaga”, você está me excluindo, você é culpado) seria surpreendido com a sequência discursiva seguinte (“não há vagas, mas a culpa é do Lula e não minha”).

Note-se que a figura masculina desempregada está vestida com as típicas roupas de um operário industrial, (seria ele um torneiro mecânico?). Que imagem seria evocada, via memória, nesse enunciado? Em que lugar estaria esse trabalhador? De onde ele fala, outro já proferiu discurso semelhante?

Imagens distintas, traçados específicos, veículos diferentes, mas o que há de unidade nessa dispersão? Deslocamos um conceito foucaultiano para tentarmos compreender nessas situações enunciativas uma costura histórica que nos leva ao entendimento dessa memória. Trata-se da noção de formação discursiva, enunciada nesses termos:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade’. (FOUCAULT, 2004, p. 43, grifos do autor).

As charges apontam para o passado de Lula, operário e defensor dos trabalhadores, e para uma possível incoerência entre a história e a prática do petista à época da publicação dos textos. Nessa rede discursiva, têm-se diversas “vozes” se relacionando nos fios de uma memória: os partidários do PT e simpatizantes do presidente, discordando da nova postura do governo; o discurso da descrença nos políticos – “todo político é mentiroso”; o discurso sindicalista e a fala do próprio Luiz Inácio deslocada em seu tempo-espço. Se o Lula da charge esquece suas promessas eleitoreiras, há algo que o fará lembrar, a lembrança de sua “não memória” o acompanhará como uma maldição, pois “a memória estava em todos os lugares” (METZ, 1995, p. 27).

Ressalte-se que o sentido de um enunciado nunca é único, literal, mas pode ser outros distintos. Defendemos que uma mesma palavra pode variar de sentido conforme a formação

discursiva que se filia e as condições históricas dadas. “Olha pro céu meu amor...” é uma frase simples, retirada de uma canção de Luís Gonzaga que, geralmente, produz os efeitos de sentido de alegria e romance, sob os fogos das festas juninas, frequentes no Nordeste. Mas quando essa é proferido por Lula na charge do Diário de Natal adquire uma nova filiação, outros sentidos são criados: ironia, omissão e desinteresse.

Ora, o que se percebe, nesses textos humorísticos, é um jogo discursivo entre um texto “já-dito”, deslocado agora para uma nova situação enunciativa. Em *A ordem do discurso*, Foucault declara que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26).



Fonte: Diário de Natal, 2004

O fato é que a memória de acontecimentos históricos estará presente no discurso das charges, às vezes explicitamente, outras, de forma velada. O conhecimento desses dados ajuda-nos a responder a questão: “[...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2004, p. 30). Recorremos a essa clássica fala de Foucault para reforçar que a nossa interpretação das charges exige o conhecimento dessas transformações históricas — condições de existência desse discurso.

Conforme lembra-nos Fiori (2007), “[...] no campo das instituições, não há como recortar e definir padrões sem recorrer à História.” (FIORI, 2007). Defendemos a inevitabilidade da pesquisa histórica para tentarmos responder outra pergunta, ecoando a obra de Foucault, “como nos tornamos o que somos?<sup>13</sup>”. Se observarmos a história da constituição do imaginário lulista nos deparamos com uma série de contradições que serão consideradas e



apontadas no discurso chargístico. Que posicionamentos eram defendidos por Lula? A mudança discursiva originou de fato a crítica dos chargistas?

Em 27 de outubro de 1945, em Caetés, no sertão pernambucano, nascia o sétimo filho de Eurídice Ferreira de Melo e Aristides Inácio da Silva: Luiz Inácio da Silva. Aos sete anos de idade, ele emigrou com sua mãe e seus irmãos para o litoral de São Paulo. O menino pobre conseguiu se alfabetizar aos dez anos de idade, trabalhou como engraxate, vendedor de amendoim, tapioca e laranja. Aos 14, iniciou um curso de torneiro mecânico no SENAI de São Paulo. Em 1963, Lula tornou-se metalúrgico, conseguindo emprego na área, em seguida. Em 1968, filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP); um ano depois, tornou-se integrante da diretoria. Em 1975, chegava a presidente sindical; reeleito, três anos depois, promoveria as históricas greves paulistas. Em decorrência disso, foi preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em 1980. No movimento sindical e grevista, Lula e outros sindicalistas sentiram a necessidade de fundar um “partido de trabalhadores”.

No final da década de 1970, o general João Figueiredo via-se envolvido em uma profunda crise econômica, associada a um aumento expressivo do movimento contra o regime militar (1964-1985). Ao mesmo tempo, na região do ABC paulista, surgiram inúmeras greves organizadas pelos sindicatos. É no bojo do fortalecimento desse “novo sindicalismo” que emergirá o PT e a liderança lulista, primeiro presidente nacional do partido.

Com uma numerosa diversidade de tendências e de ideologias, o PT só poderia possuir uma doutrina política genérica, a fim de garantir a unidade. Esse fato é constatado por Lagoa (2007, p. 2), ao se referir ao programa político do PT na década de 1980. A autora acredita que existiria um forte elo entre o sindicalismo e o período grevista, pois o partido possuiria uma forte tendência ao “confronto imediato” aos governos, enquanto oposição.

Em contrapartida, o caminho trilhado pelo Partido dos Trabalhadores, a partir da década de 1990, estará vinculado, sobretudo, às disputas no nível do Legislativo e a luta para conseguir conquistar o Executivo, em todos os níveis. A idéia de “revolução”, a implantação do socialismo e a ligação com os movimentos sociais serão diminuídas e, por vezes, silenciadas pelas lideranças. Dessa forma, o PT dos anos 1990 tenderá a um pragmatismo político: “[...] o ato de administrar levou o partido a negociar, a modificar a sua orientação e a

assumir uma postura mais pragmática no sentido de conquistar postos na institucionalidade burguesa”. (LAGOA, 2007, p. 3).

O primeiro desafio para o partido nascente foi às eleições para governadores, em 1982, as primeiras, desde o início do regime ditatorial. Na ocasião, Lula foi indicado para ser o candidato ao governo de São Paulo. Segundo Markun (2004, p. 195), em um debate promovido pela TV Bandeirantes, Lula foi o único a aparecer “sem gravata”, encerrando sua fala com o enunciado: “vote três, o resto é burguês”. Em razão de sua imagem associada ao sindicalismo e ao socialismo, o PT obteve apenas 3,3% dos votos nacionais, porém conseguiu eleger oito deputados federais e dois prefeitos.

Os anos de 1980 caminharam rumo à redemocratização do país e, apesar de não ter logrado êxito, o movimento *Diretas já* marcou época e deu visibilidade ao PT e a Lula, eleito o deputado federal mais votado do Brasil, em 1986.

A derrota eleitoral de Lula da Silva para Collor, no segundo turno da eleição presidencial de 1989, marcaria as transformações internas do PT. Em 1994, deu-se a segunda eleição presidencial, pós-ditadura, na qual mais uma vez Lula perderia. Com a bandeira da estabilização dos preços, Fernando Henrique era eleito no primeiro turno, com 55% dos votos válidos contra 27% do petista<sup>14</sup>. Em outubro de 1998, o Brasil viveu sua terceira eleição presidencial direta reelegendo Fernando Henrique, novamente, no primeiro turno com 53,06% dos votos válidos<sup>15</sup>.

Em 2002, Lula se apresentava como candidato à presidência pela quarta vez. Assessorado pelo marketeiro, Duda Mendonça, Lula comportava um discurso político diferente das adotadas nas campanhas anteriores: procura se aproximar de outros partidos como o PMDB, alia-se ao Partido Liberal do empresário José Alencar, futuro vice-presidente e acena para uma manutenção nos compromissos internacionais e para a estabilidade econômica.

A mudança discursiva também foi operada na imagem do candidato: da contenção dos seus gestos ao figurino utilizado. Sob o holofote da mídia “o sindicalista é apagado em, em seu lugar, aparece um novo herói dos anseios populares, ícone da esperança de resolução do caos social que se instala progressivamente no país” (PACÍFICO; ROMÃO, 2007).

## Considerações finais

Se a história impôs a Lula uma mudança necessária na nova ordem do discurso que se estabeleceu, as resistências a essa postura ficam evidentes no material coletado. Dessa forma, a imagem do presidente se construiu de forma negativa no *corpus* analisado, embora, pressupomos que isso também deva ocorrer em outros textos de nossa pesquisa.

Como vimos, todas as condições de existência, descritas de forma breve, deram origem aos enunciados analisados, mostrando a natureza heterogênea da charge. Hoje, outros textos seriam publicados e outros efeitos produzidos no fio do discurso, porque o tempo é outro, mas “a memória (está) em todos os lugares” (METZ, 1995, p. 27).

O termo discurso, como o nome denuncia, traz a ideia de percurso, de curso, de movimento. É nesse movimento de sentidos que os sujeitos-chargistas construíram imagens de Lula, entre o passado longínquo de sindicalista do ABC e o início do mandato, amalgamadas em um discurso crítico e evocativo da memória.

Antes de finalizarmos, cabe considerar que o próprio gênero charge tem seu funcionamento ancorado em uma crítica a acontecimentos recentes. Dessa forma, nas páginas do jornal se assenta um outro olhar mais aberto às questões sociais. Nesse sentido, o chargista está inscrito em uma formação discursiva na qual é desejada a manifestação do discurso irônico.

Às margens da escrita, encontra-se uma rede discursiva que ao ser evidenciada, além da pretensa clareza da linguagem, permite uma leitura mais apropriada do gênero. É esse sujeito histórico, ainda não apagado pelas “orlas do mar”, que insiste em produzir e reproduzir discursos humorísticos, os quais interessam aos historiadores da mídia, pois revelam as marcas ideológicas presentes no tempo. Dessa forma, admite-se como Gennette (1982): “quem ler por último, lerá melhor”.

## Referências

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 13. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania, estadania, apatia**. Disponível em: [http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/carvalho\\_cidadania\\_estadania.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/carvalho_cidadania_estadania.pdf) . Acesso em 02 mai. 201.

CRUZ, Adriano Charles. Fome zero? O discurso da charge jornalística sobre a fome. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p. junho/2008.

CRUZ, Adriano Charles; FONSECA, Aidil Brites Guimarães. O rádio e a memória afetiva dos participantes do MEB no Rio Grande do Norte. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair Prata (Orgs.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CUNHA FILHO, Paulo C. A representação visual da memória: imagens e melancolia na sociedade periférica. In: PRYSTON, Ângela (Org). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

FIORI, José Luís. **Estado do bem-estar social: Padrões e Crises**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/artigos/fioribemestarsocial.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2007

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.

MARKUN, P. **O sapo e o príncipe: personagens, fatos e fábulas do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

METZ, Luiz Sérgio. **Assim na terra**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Sem querer acertou na cabeça: o litígio com Lula acerca de um boné.** Disponível em: [http://www.achegas.net/numero/vinteeseis/soraya\\_lucilia\\_26.htm](http://www.achegas.net/numero/vinteeseis/soraya_lucilia_26.htm). Acesso em: 20 abr. 2010.

RUIZ GARCÍA, Elisa. **Manual de codicologia.** Salamanca: Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirâmide, 1988.

SIBILA, Paula. Etéreas prisões do corpo da alma (analógica) à informação (digital). In: QUEIROZ; André; Cruz, Nina Velasco e (org). **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2007.

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisador do Círculo de Estudos em Cultura Visual. E-mail: [adrianocharlescruz@hotmail.com](mailto:adrianocharlescruz@hotmail.com)

<sup>2</sup> “Um texto pode sempre ler outro, e assim em diante até o fim dos textos. Este não escapará à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor.” (Tradução nossa).

<sup>3</sup> Escolhemos trabalhar com a noção de ensaio, pois “[...] ao lado dos gêneros diretamente literários, como a poesia – parece ser o único capaz de romper com a ilusão cartesiana de objetividade científica.” (CUNHA, 2006, p. 220).

<sup>4</sup> No primeiro momento, elegemos os jornais diários das capitais nordestinas por sua importância e abrangência. Os Diários e Associados estavam presentes, em 2004, nas seguintes capitais nordestinas: Natal (Diário de Natal), João Pessoa (O Norte), Recife (Diário de Pernambuco) e São Luís (O Imparcial). Esses jornais se assemelham por possuírem públicos voltados às classes A e B, conforme a política editorial da empresa. Decidimos excluir O Imparcial pela não proximidade sócio-histórica e cultural do Maranhão com os outros, nordestinos.

<sup>5</sup> Em sua *Arqueologia do Saber*, Foucault (2004) enumera quatro características constitutivas do enunciado: a relação dele com o seu “referencial”, isto é, aquilo sobre o que o enunciado enuncia; a existência de um domínio, posto que está associado a uma série ou a um conjunto de enunciados, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se em outros enunciado e se distinguindo deles; o enunciado enquanto objeto e, por último, à relação do enunciado com o seu sujeito.

<sup>6</sup> “Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência, onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por tudo isso.” (HALBWACHS, 2004, p. 7).

<sup>7</sup> Em 2009, Lula foi considerado “homem do ano” pelo jornal francês *Le Monde* e “personagem do ano” pelo espanhol *El País*. No mesmo período, a revista americana *Time* o citava como um dos líderes mais influentes do mundo.

<sup>8</sup> O discurso messiânico, construído em torno de Lula, encontra-se presente em uma longa tradição histórica brasileira. De acordo com Carvalho (2010), ancorado em uma preferência pelo Executivo, em certos momentos, os brasileiros procuram um candidato que consiga dar soluções aos problemas sociais e se coloque como “Salvador da Pátria”. Ainda, defende que as eleições de Getúlio Vargas, Jânio Quadros, Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva fazem parte deste escopo geral do messianismo.

<sup>9</sup> Pressupomos que as mudanças discursivas operadas no interior do PT, durante a campanha eleitoral de 2002 e, sobretudo, na constituição dos primeiros anos do mandato do presidente eleito (2003-2004), ocasionaram muitas críticas, especialmente, dos chargistas.

<sup>10</sup> No quadro amplo de resistência ao discurso neoliberal, engaja-se o campo literário, conforme depreendemos da afirmação de Bossi (1988): “a ficção mais recente tem *resistido* à pressão conjugada da tecnolatria, da massificação e do totalitarismo interno. Uma literatura penetrada de pensamento, uma literatura que faz da auto-análise, da pesquisa do cotidiano (rústico, urbano, suburbano, marginal), *do sarcasmo e da paródia o seu apoio para contrastar o sentido das ideologias dominantes*; uma literatura que vive em tensão com os discursos da rotina e do poder; e que se faz e se refaz no nível da representação arduamente trabalhada pela linguagem.” (BOSI, 1988, p. 125, grifos nossos).

<sup>11</sup> O funcionário público/não cabe no poema/com seu salário de fome/sua vida fechada/em arquivos./Como não cabe no poema/o operário/que esmerila seu dia de aço/e carvão/nas oficinas escuras/– porque o poema, senhores,/está fechado: “não há vagas”.

<sup>12</sup> Essa posição está marcada pelo contexto histórico e por todos os fatores que a permitiram. Para Charaudeau (apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 394), o posicionamento discursivo se relaciona a noção de



---

comunidad discursiva “[...] corresponde à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende (consciente ou inconscientemente), e que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica”.

<sup>13</sup> “Por isso, a obra de Foucault é de enorme importância quando se trata de pensar criticamente o presente: indagar o que somos, o que estamos nos tornando e o que gostaríamos de nos tornar.”. (SIBILA, 2007, p. 130).

<sup>14</sup> De acordo com Albino Rubim, a atuação da mídia foi marcante na definição desse resultado: “É fácil recordar também o alinhamento da quase totalidade da mídia brasileira no pleito de 1994, ao assumir e fazer propaganda, gratuita e paga, do Plano Real, passaporte de Fernando Henrique Cardoso para a vitória presidencial.”. (RUBIM, 2003, p. 44).

<sup>15</sup> Rubim (2003) considera que essa eleição foi marcada pelo “silenciamento deliberado” da mídia, na qual Fernando Henrique Cardoso “[...] ganhou sua reeleição numa disputa que quase não existiu, inclusive na mídia, deixando exposta uma convergência de interesses entre o governo e as empresas de comunicação midiática.”. (Idem, 2003, p. 44).